

**“SOU ESPOSA, SOU MULHER, SOU MÃE”: MEMÓRIAS DE UMA VIDA
CONJUGAL (1965-1972, CAXIAS DO SUL/RS)**

Pâmela Cervelin Grassi¹

Resumo: O presente trabalho analisa um conjunto de memórias elaboradas por Ada Therezinha, que, nos anos de 1965 a 1972, documentou suas experiências vividas em suportes de escritas ordinárias. Quando jovem, Ada elegeu cartas e diário pessoal como espaços privilegiados para expressar os desejos e as expectativas do namoro, noivado e preparativos da união conjugal com Enio. O casamento concretizou-se em 1952 e a prática de arquivar sua experiência amorosa permaneceu, com a produção de memórias fundadas na experiência de esposa e mãe. Os egodocumentos foram conservados à ação do tempo e hoje constituem, junto a um amplo conjunto de documentos de pessoas comuns, o Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. As doações à instituição pública foram sucessivas e em momentos distintos, o que evidencia a dinâmica da constituição de arquivos pessoais e as narrativas que são produzidas na organização dos documentos. As circunstâncias de elaboração das memórias de Ada, quando mãe e esposa, não foram as mesmas daquelas do tempo de namoro ou noivado, o que problematiza as condições e as motivações do deslocamento dos egodocumentos para o arquivo histórico. Quando tomados pela investigação histórica como vestígios materiais de um tempo passado, estas memórias apontam para as práticas da vida conjugal e para a produção de significados que dizem respeito às experiências históricas das mulheres, como a eficácia do amor romântico com vistas para o casamento e as representações ideais do feminino. O trabalho é ancorado, sobretudo, nos estudos da História Cultural e História do Tempo Presente, que oferecem subsídios teóricos e metodológicos para a discussão da temática.

Palavras-chaves: Acervos Pessoais. Egodocumentos. Amor romântico. Casamento.

O papel branco e a caneta foram objetos íntimos na trajetória de Ada Therezinha. Expressaram suas experiências vividas, desde os tempos de juventude, quando enviava cartas para suas amigas e seus amores, até seu cotidiano de mulher casada e mãe de três filhos. Ada era residente da zona urbana de Caxias do Sul e filha de uma família de origem italiana e da elite empresarial de Caxias do Sul, cidade da Região Colonial Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul. Nas décadas de 1940 e 1950, dedicou cartas e diário íntimo a Enio Luiz que, posteriormente, tornara-se seu esposo. As folhas de caderno que se transformavam em

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Professora de História da Rede Municipal de Educação de Caxias do Sul. *E-mail:* pamelagrassi@gmail.com

missivas, assim como as páginas do diário eram espaços privilegiados de expressão de seus desejos e expectativas da experiência amorosa.

Os escritos do vivido no diário íntimo foram encerrados em 1952, ano da cerimônia de casamento com Enio, porém a prática da escrita permaneceu, com a produção de memórias fundadas na experiência de esposa e mãe. Denominadas de escritas de si (GOMES, 2004), egodocumentos² ou escritas ordinárias³, as missivas, o diário íntimo e as memórias contam histórias das distintas etapas do relacionamento amoroso, como o flerte, o namoro, o noivado e o casamento. São documentos que dão visibilidade a uma protagonista anônima da história, quase microscópica na conflituosa e ampla trama social. A trajetória amorosa de Ada, materializada em suportes da cultura escrita, é uma realidade circunscrita que problematiza as experiências femininas e versa sobre as narrativas de mulheres, cujas subjetividades foram elaboradas pelas representações que circularam nos chamados Anos Dourados.

O presente artigo investiga o conjunto de memórias de Ada Therezinha produzidas nos anos de 1965 a 1972, analisando as circunstâncias de elaboração dos egodocumentos e a produção de sentidos que ela elaborou sobre sua experiência matrimonial. Quando tomados pela investigação histórica como vestígios materiais de um tempo passado, estas memórias apontam para as práticas da vida conjugal e levam a elaborar questionamentos sobre as experiências históricas das mulheres, como a eficácia do amor romântico com vistas para o casamento e as representações ideais do feminino. Os significados produzidos por Ada foram contrastados com um caderno elaborado manualmente pela sua mãe Giselda, na ocasião do casamento. Trata-se de um documento com importantes representações do universo de práticas culturais do casamento, uma vez que apresenta recortes de jornais e revistas de assuntos diversos, como moda, culinária, casa e educação das filhas e dos filhos.

Considerar que a experiência vivida de Ada foi estruturada e tramada de significações que dizem respeito às experiências históricas das mulheres, é atestar que seus registros pessoais são ancorados na memória individual e que “cabe ao historiador enraizá-la no rol das múltiplas experiências sociais, para que cada memória pessoal possa ser vista e estudada como uma perspectiva de memória coletiva” (Cunha, 2000, p.162).

² De acordo com Silva (2015), o termo egodocumento foi cunhado em 1958, pelo historiador Jacob Presser, para designar as formas de expressão escrita dos sentimentos e experiências pessoais. O conceito, no âmbito da produção historiográfica, repercutiu nos estudos das cartas, diários, crônicas da família, diário de viagem, entre outros.

³ O termo designa as escritas sem qualidades produzidas pelas pessoas comuns e opõem-se as obras literárias, elaboradas para serem prestigiadas pelo público (CUNHA, 2011).

A espera angustiosa

Os anos, os ritmos e as marcas do corpo de Ada eram outros. A caneta e o papel branco permaneceram. Ada Therezinha, nas memórias de 1965 a 1972, era esposa de Enio Luiz e mãe de três filhos, Alexandre, Adriana e Vicente. No corpo feminino da nossa personagem, inscreveu-se o amor conjugal e o amor materno. A moça que credenciou sua felicidade no amor romântico encontrava-se no tempo passado, nas páginas das missivas e do diário íntimo.

Dez, quinze, vinte anos de casada. Rua Andrade Neves, 799, Caxias do Sul. A entonação da voz de Ada incide sobre a palavra escrita como um sussurro. São ruídos materializados no silêncio de um texto grafado. Quando percorridos pela leitura, convertem-se em gritos, em palavras na modalidade oral.

São 2 horas da manhã. Espero...
É uma espera angustiosa...
Sou esposa...
Sou mulher...
Sou mãe...
A angústia é triplicada....
Como esposa...
Como mulher...
Como mãe...
Como esposa que espera o marido,
Esperando sempre que tudo esteja bem...
Nada de farras...um bom bate papo...
Nada de acidentes, apenas um retorno tranquilo...
Como mulher...anciosa pelo aconchego...pelo encontro ardente...
Como mãe...para que a família reunida, enfrente a noite.
Descanse tranquilo, não só pela presença física de todos, mas, sobretudo pela
segurança, liderança, exemplo de um pai, de um chefe de família e
tranquilidade e confiança de uma mãe.
(Ada, sem data)

A mulher, mãe e esposa Ada Therezinha escreve sobre a ausência. O que cria a palavra é a falta. Ada amou e ama por demais. E queixa-se quando não se sente amada. À realização passional, esteio da felicidade, ela registra suas ansiedades e frustrações. Suas lembranças, que outrora eram eufóricas e de brilho intenso, adquirem agora um tom melancólico e fosco. São imagens, fragmentos da memória, atravessadas pela solidão. Estilhaços que se verbalizam em madrugadas. A ausência de Enio adentra suas noites e a

tortura. Ada não dorme. O sono não cerra suas pálpebras. O relógio é seu devaneio noturno e existencial.

Amaldiçoo o relógio...porque ele marca as horas... As horas passam e ele não vem... Mas não o amaldiçoo porque se as horas passam, seu regresso está mais próximo...Amaldiçoo o relógio...porque os minutos segundos, horas passam e eu estou sozinha....Mentira...não estou só...Tenho comigo, três seres gerados em mim...eu os senti dentro de mim...Sofri feliz para que nascessem...alimentei-os...criei-os...eduquei-os....acima de tudo eu os amo....Amaldiçoo o relógio que friamente marca as hora, madrugada adentro, destruindo a confiança e o amor... (Ada, sem data)

Na vida conjugal, com início em fevereiro de 1952, a prática da escrita deslocou-se da ordenação temporal do diário íntimo ou do pacto epistolar de uma carta, para memórias fragmentadas e caóticas. São quatro textos registrados num caderno qualquer, sem destinatário, tampouco inscrição de datas; características estas que dificultam a identificação de limites fixos, a fim de classificá-los dentro das modalidades do gênero autobiográfico. Como vestígios de instante, confissões com o predomínio da introspecção, escritas de si e ordinárias, transitam entre uma ampla diversidade de textos autobiográficos (memórias, recordações, diário e anotações). A fim de facilitar a análise destes documentos históricos e, como um recurso teórico-metodológico, classifico-os como memórias de *madresposa*.

Os critérios adotados para criar esta denominação partem do tema abordado e das circunstâncias de produção: tratam-se de memórias fundadas na experiência de mãe e esposa. *Madresposa* é um conceito da antropóloga Marcela Lagarde y de los Rios para designar o papel social tradicionalmente atribuído para as mulheres: “la maternidad y la conjugalidad son las esferas vitales que organizan y conforman los modos de vida feminino” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS 2011, p.377). E ainda que não sejam mães e nem esposas, as mulheres são concebidas como *madresposas*, isto é, como seres de outros e para outros, pois exercerão sua condição de maneiras diversas: ao longo de suas trajetórias, poderão cuidar maternalmente de um aluno ou um irmão, assim como relacionar-se-ão com um namorado, de um modo como se já exercessem o papel de esposa. A autora ressalta que as formas particulares de ler, sentir e perceber o mundo embrenham-se na reprodução da condição de *madresposa*. Para ela, o amor burguês, isto é, o romântico, foi aquele que

[...] inventó a las madresposas [...] mujeres especializadas en ser madres y ser esposas, mujer cuyo sentido central en la vida es encontrar un buen hombre o malo [...] para hacer la vida con él, y para tener hijos con él, y para hacer una familia con él. Son tres los mandatos de las madresposas:

ligarte sexo-afectivamente con un hombre, realizar la maternidad y fundar una familia. (LAGARDE Y DE LOS RÍOS 2005, p.50 e 51).

As memórias de *madresposa* de Ada, numa leitura inicial, se afirmam como um texto oral, que se insinua como uma voz e que deseja ser escutado. Há ritmos e tempos, que acentuam trechos dramáticos e entonam uma fala angustiante. Há uma articulação entre a palavra escrita e a presença do corpo de Ada: o texto é uma escrita íntima que emerge de experiências e circunstâncias exteriores como mulher, mãe e esposa e estas, por sua vez, atravessam seu corpo feminino. É uma voz que recorre ao vazio da página, pois Ada necessita, com urgência, desabafar as dores que a sufocam e que são provenientes do coração. Quais sentidos estão por detrás destas palavras?

A produção de sentidos continua girando em torno das experiências amorosas femininas. Presume-se que as memórias de *madresposa* foram registradas entre 1965 e 1972, quando o casal já constituía uma família, com três filhos. Observando a ordem em que foram dispostas no caderno, as memórias apresentam indícios da datação. É possível que o primeiro e o quarto texto sejam depois de 1965, pois remetem aos “três seres gerados em mim” (*Ada*, sem data), isto é, os três filhos do casal – o caçula nasceu em 1965. Já o segundo e terceiro texto indicam o ano de 1972, ao mencionarem que “a princesa da casa [...] já está com 12 anos vivido” (*Ada*, sem data) e que o filho primogênito partiria para Porto Alegre, a fim de iniciar um curso na universidade.⁴

A documentação preservada no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA) disponibiliza detalhes da vida conjugal. A residência da família estava localizada na área central de Caxias do Sul, na rua Andrade Neves, 799. Ada matriculou-se na Escola Normal do Colégio São José, porém não exercerá a profissão. A exceção de um curto período de trabalho como vendedora na “Catedral Decorações”, em Caxias do Sul, exercerá a profissão “do lar”, isto é, o papel de dona de casa, ainda que a família contrate Dona Ercília como doméstica e babá⁵. Enio, que trabalhava de auxiliar de escritório na Metalúrgica Abramo Eberle & Cia, ascenderá na empresa com o cargo de gerente de varejo, em setembro

⁴ Alexandre, o filho primogênito, em conversa informal, afirmou que iniciara o curso em 1972 e que sua irmã Adriana, descrita no texto como “a princesa”, nascera em 1959. Informações que tornam possível identificar que as memórias foram produzidas no ano de 1972.

⁵ Dona Ercília trabalhou muitos anos como doméstica para a família, auxiliando Ada nas tarefas doméstica (LOPES, 2016b).

de 1952, sete meses depois do enlace matrimonial⁶. Após 1974, ocupará o cargo de gerente na Filial Eberle, em Porto Alegre, obrigando a família a se estabelecer na capital. Sua gestão no varejo do Eberle, por meio da “capacitação dos funcionários com cursos de vendas e atendimento personalizado ou pelos badalados concursos de vitrines” (LOPES, 2016a), e a participação na fundação do Clube dos Diretores Lojistas, fará com que seja um dos gerentes de comércio mais conhecidos e admirados de Caxias do Sul. As narrativas em periódicos, como no *Jornal Pioneiro*, ou a denominação de uma rua da cidade com o seu nome, constroem e consolidam sua biografia.

A memória do casal, materializado nos documentos guardados no arquivo público ou nas narrativas citadas acima, evidencia as relações entre mulheres e homens no tempo. Os papéis de Enio são aqueles relacionados ao exercício profissional, próprios dos discursos normativos que designam o homem para o espaço público do trabalho (RAGO, 2014). Os vestígios autobiográficos de Ada sinalam para o espaço privado do lar, com as tarefas domésticas e a realização da missão feminina como mãe. Da vida conjugal, suas memórias são do privado e do doméstico. Três cadernos, que eram escolares, se destacam: os cálculos referentes as despesas da casa misturam-se com os desenhos dos filhos; e os poemas copilados confundem-se com receitas culinárias. Lygia Fagundes Telles observa que esses cadernos de anotações, caóticos e fragmentados, são comuns na vida das mulheres casadas, já que segredos não podem ser mais guardados em diários íntimos: “Restava o recurso do cadernão do dia-a-dia, onde, de mistura com os gastos da casa cuidadosamente anotados e somados no fim do mês, elas ousavam escrever alguma lembrança ou confissão que se juntava na linha adiante com o preço do pó de café e da cebola” (TELLES, 1980, p.16).

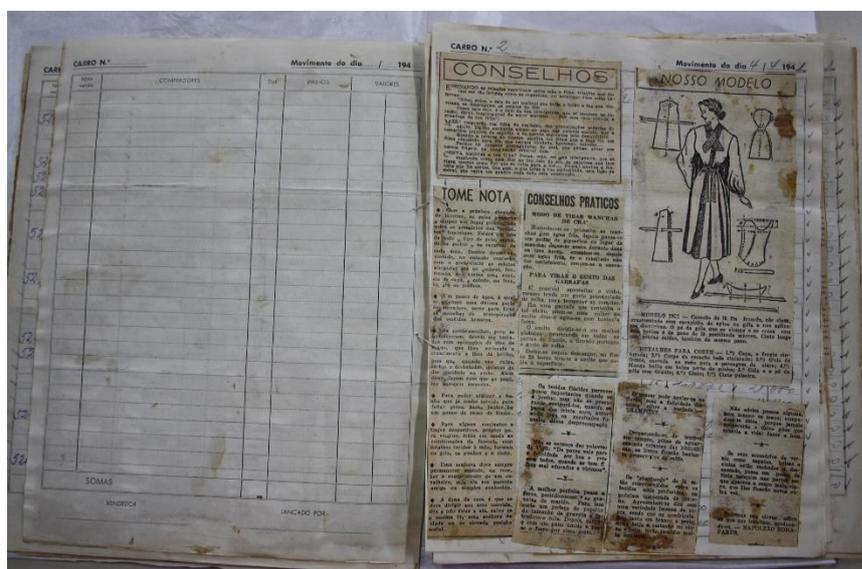
O casamento, como um contrato social, é o espaço de normatização e da apropriação do corpo das mulheres, apropriação que se manifesta no caráter gratuito do trabalho feminino e na condição de reprodutora (SWAIN, 2008). É um espaço que consagra a relação amor e mulher: se o amor romântico é com vistas ao casamento, a mulher, ser amoroso, cumpre seu destino social, a conjugalidade e a maternidade. Ser esposa confunde-se e se complementa com a quase obrigação social de ser mãe. O amor materno é visto como um sentimento inato, puro e sagrado da mulher (RAGO, 2014); “é pela maternidade que a mulher realiza

⁶ A trajetória de Enio Luiz na metalúrgica iniciou em 1943, no setor de depósito e expedição. E quanto ao cargo de gerente de varejo, é importante recordar que Hugo Argenta, tio de Ada, ocupava uma das diretorias da metalúrgica.

integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação “natural” (BEAUVOIR, 2009, p.645).

Tal representação de mulher pode ser encontrado no caderno que Giselda, mãe de Ada Therezinha, elaborou para sua filha na ocasião do casamento. Numa apropriação de suportes da cultura escrita, as folhas de contabilidade⁷ foram atravessadas e unidas pela agulha e linha de costura. Uma produção artesanal, confeccionada à mão. No interior do suporte, recortes de revistas femininas e jornais, com um conjunto de temas (casamento, filhos, culinária de doces e salgados, etiqueta, higiene e moda) referentes aos papéis domésticos tradicionalmente reservados às mulheres, de mãe e esposa. Para a “cozinheira ideal”, a “artista do lar”, a “mulher faceira” e a “boa esposa” há muitos “conselhos práticos” e “conselhos alimentares” da “ciência doméstica”: “a primeira refeição do dia”, “os segredos da mulher faceira”, “qual o pão mais nutritivo”, “código de beleza”, “prevenindo resfriados”, “desintoxicar o organismo”, “idade escolar”, “combate as moscas”, “aos pais de escolares”, “a nova silhueta”, “o penteado da semana” e as receitas da “Tia Dorothy”, como o “pudim da felicidade”, o “bolo de pobre”, o “creme de ovo” e os “bolinhos de bacalhau”.

Figura 01: Caderno montada por Giselda

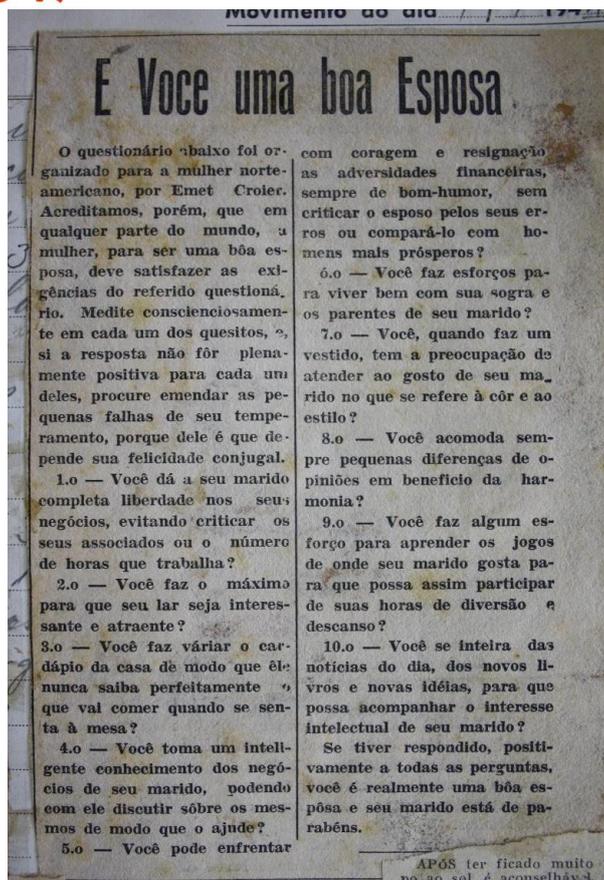


Fonte: ALE 078, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

⁷ As folhas de contabilidade, datadas de 1941, registram a movimentação financeira de uma empresa, com a relação dos compradores, o número da nota fiscal, os valores e o tipo de produto, como guaraná, gasosa tônica e soda.

As imagens idealizadas de mulher a designam para o papel fundamental que cumpre no interior da família nuclear moderna, tornando-a responsável pela saúde dos membros, sejam as crianças ou o marido, e pela ordem, aconchego e higiene do lar. Como se isso não bastasse, espere-se da boa esposa a sua “essência feminina” em ser romântica, carinhosa, vaidosa, preocupando-se com sua beleza e cautelosa quanto as suas futilidades. A harmonia conjugal é um compromisso do casal, contudo, caberá a ela, por amor à família, sacrificar-se e empreender energias e esforços para promover a felicidade no casamento. No caderno mencionado acima, um artigo intitulado “É você uma boa esposa” apresenta um questionário, no qual aborda diversas situações cotidianas, perguntando à mulher casada se costuma variar o cardápio, de modo que seu marido desconheça o que vai comer; se enfrenta as adversidades financeiras com bom humor e sem criticar os erros do esposo; se confecciona uma roupa com vistas à preocupação do gosto dele; ou, enfim, se tem interesse em acompanhar a diversão ou leituras do seu marido. Caso as respostas sejam negativas, o texto é categórico em recomendar que a mulher reflita sobre seu comportamento e emende “as pequenas falhas do seu temperamento, porque dele é que depende sua felicidade conjugal”.

Figura 02: Excerto do caderno montada por Giselda



Fonte: ALE 078, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

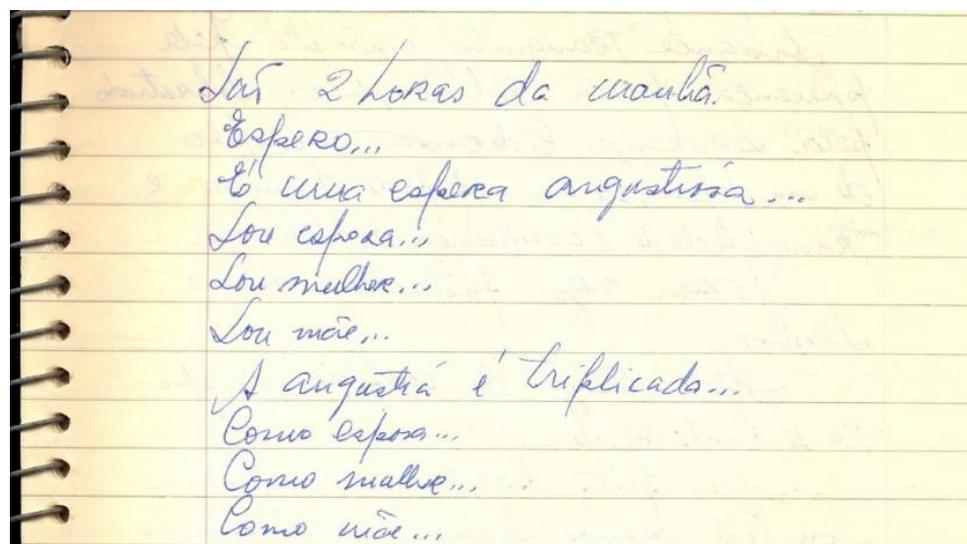
Gostos e opiniões são renunciados para associar-se ao mundo dele. A mulher casada desmorona seu próprio universo para viver no mundo do marido. Deve “esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido (RAGO, p.91). Ela “lhe entrega nas mãos a existência e ele lhe dará um sentido (BEAUVOIR, 2009, p.582). O amor romântico, que outrora prometia felicidade à jovem esposa, torna-se um dever na vida conjugal e acena para a repetição das cenas domésticas e a confinção da imanência. “Comer, dormir, limpar..., os anos não escalam mais o céu, espalham-se em idênticos e cinzentos sobre uma toalha horizontal; cada novo dia imita o precedente; é um eterno presente inútil e sem esperança” (BEAUVOIR, 2009, p.588). Do peso da solidão por passar muito tempo em casa, a dona de casa de classe média é passível de experimentar o isolamento:

Educadas para adquirir um senso detalhista e quase obsessivo por limpeza, levadas a manter as aparências e pressionadas a viver praticamente em torno das tarefas domésticas e das necessidades dos familiares, acabavam, muitas vezes, acometida por indisposições, além de alimentarem ansiedade e insatisfações. Provavelmente uma parte das dores e agonia das mulheres surgia do conflito entre as prescrições de seus papéis e a realidade de suas

vidas, do tédio, ou ainda do problema relativamente comum, da distância entre o seu cotidiano e do marido (PINSKY, 2014, p.239).

As memórias de *madresposa* de Ada Therezinha são tecidas dos dias cinzentos e idênticos. O amor conjugal e maternal regulará sua existência social, dispondo suas energias vitais para a harmonia da família. O senso detalhista e quase obsessivo que a solidão lhe acarreta a atordoa nas madrugadas, quando se queixa da falta do marido e devaneia sobre as horas, os minutos e os segundo transcorridos. “As horas passam e ele não vem” (Ada, sem data). O relógio é um vestígio da loucura da solidão, da “locura del abandono y del desamor” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS 2011, p.709) por aquele que ela nunca abandonaria Ada “sente-se despojada de si mesma e do mundo” (BEAUVOIR, 2009, p.425). A ausência de Enio traz sofrimento e a condena a noites de existência vazia e solitária. É uma espera angustiante. E ser esposa, ser mulher e ser mãe é uma existência que triplica sua amargura. Os ponteiros marcam o tempo. São duas horas da madrugada:

Figura 03: Excerto de memórias de *madresposa* de Ada, sem data



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

O amor romântico, que era sinônimo de plenitude, no casamento, a transforma em *madresposa*, uma condição que torna sua infelicidade mais intensa. O universo do amor, que até então lhes parecia seguro, começa a desmoronar. O fracasso conjugal é passível de significar um desastre, pois o amor foi a experiência que definiu o sentido de sua vida. Ada, quando jovem, dedicou-se ao seu namoro, e enfrentou as dificuldades. Doou-se inteiramente a Enio, realizando-se como mãe e esposa. Porém, ele não se dispõe da mesma forma. Mulheres

e homens amam de formas distintas, que estão imbricadas nos papéis tradicionais que a sociedade lhes reserva. A ausência de Enio “es la muerte de una parte central de sí mesma, que abarca casi la totalidad de su ser mujer” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2011,p.709). Decepção e frustração são as palavras que definem o fracasso da felicidade conjugal.

Porém vejo frustrados meus sonhos...Meu desejo de confiar, evapora-se lentamente...Meu peito parece um vulcão...Sou leal, demais sincera ao extremo...Não posso fingir, como não posso sensibilizar e maquiagem alguém...Por isso sofro...como sou boba...reconheço...No entanto não mudo e jamais mudarei, mas sabendo que tudo isso me destrua... Antes de mais nada, antes e acima de tudo...minha lealdade...sinceridade e..amor. (*Ada*, sem data)

“Como sou boba, reconheço”. Sua fala⁸ emerge de um estado designado às mulheres: a culpabilização por serem infelizes (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2011). Se a infelicidade é um produto da incapacidade pessoal da mulher, Ada crê e reconhece que é tola. Todavia, não quer mudar, não concebe a possibilidade de redefinir sua vida de outra forma, mesmo que tenha consciência que sua dedicação integral a possa destruir. Nas palavras de Lagarde y de los Ríos,

El estado de desasosiego, la depresión, la tristeza, la angustia ante la soledad, el dolor por el abandono, el desamor y los celos, producen en las mujeres rotas un estado de enloquecimiento definido por la existencia sobre las mismas bases o sobre bases nuevas. Aparece el delirio, y la vivencia imaginaria del conflicto se interpone entre ellas y la vida cotidiana (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2011, p.710).

Simone de Beauvoir, na obra “A Mulher Desiludida”, retrata histórias femininas de solidão e fracasso, como a de Monique, uma típica dona-de-casa que tem sua existência desestruturada, quando se vê abandonada pelo marido, que mantém um caso extraconjugal, e pelos filhos. Uma narrativa que se aproxima da experiência vivida da nossa protagonista. Os filhos crescem e, aos poucos, conclui-se a ocupação da maternidade. O primogênito, por exemplo, parte para Porto Alegre ante a aprovação num curso de graduação, como descreve em um dos rabiscos: “Um...vai seguir seu destino...Outro bem menor...começará a luta do saber...A primeira da casa é a do meio...já está com 12 anos bem vividos e é a flôr que enfeita nosso lar...” (*Ada*, sem data).

As queixas em relação a ausência do marido, apontam para a existência de conflitos entre o casal. Embora as memórias não disponibilizem informações do conteúdo destes problemas, presume-se que a esposa suspeitava de suas condutas. A moral sexual que vigorava na época cobria a pureza da mulher virgem ou o corpo assexuado da mulher casada, ao mesmo tempo que relativizava as aventuras extraconjugais dos homens (RAGO, 2014), legitimando a hegemonia patriarcal. Fidelidade ao marido, procriação e maternidade eram os valores femininos apreciadas, já os esposos necessitavam reafirmar cotidianamente sua virilidade, seja os encontros e programas com os amigos ou eventuais relacionamentos com outras mulheres. E em caso de suspeitas de traição ou outras situações, a mulher não deveria demonstrar reprovação abertamente, sob o risco de prejudicar a manutenção do casamento, afinal “a esposa modelo não discute e não se queixa” (PINSKY, 2014, p.237). Problemas eram tratados pela sociedade como crises passageiras, sob a justificativa que o amor supera todos os obstáculos. A mulher, como um ser amoroso, perdoa o marido.

Se crises de choro ou ataques de nervos eram prescritas como gestos que comprometiam a felicidade conjugal, Ada encontrará na escrita íntima o espaço para amenizar suas frustrações, produzindo sentidos sobre o vivido. Em um dos trechos das memórias, observa-se que não atribui a responsabilidade dos problemas conjugais sobre si mesma:

Mentira...as horas passam sim porém em me fortaleço, vendo que eu sou forte, eu transmito confiança, aquela confiança de que tanto prestamos, e tenho mais amor a dar...a meus filhos...minha mãe...irmã...tios...parentes e amigo. Amaldiço e amo o relógio...Contradição...não sei. Se ele me angustia não é ele, é sua função...Se há mesquinhos, egoístas, falsos e irresponsáveis, ele não tem culpa. Ele é uma máquina programada para isso... O ser humano não...É o homem racional, como tal deve portar-se... Se assim não o faz é bem melhor que rasteje com os répteis, ou ande em quatro como os irracionais... (Ada, sem data)

A caneta e o papel, mais uma vez são um modo de resistência frente ao poder instituído. Uma ação sutil e individual, que não rompe com a ordem dominante, mas que se torna um refúgio, no qual se reinventa. Suas memórias de *madresposa* são vestígios que demonstram que a construção de sua existência como mulher, mãe e esposa não foi desprovida de passividade. As permanências foram acompanhadas de reapropriações, desconfianças e resistências. Ada Therezinha, esta personagem que se apaixonou, que se consumou de uma narrativa sentimental, que projetou sua felicidade no casamento, é a mesma mulher que apresenta uma consciência crítica em relação ao papel tradicional que a sociedade lhe reservou, ainda que esta condição lhe traga tristeza e, por vezes, devaneios de loucura.

Entre tantos gestos desordenados e contraditórios, permaneceu a busca da produção de significados sobre sua experiência vivida. Faleceu em 1989, aos 58 anos, decorrente de um infarto.

ARQUIVAMENTO DE SI E MEMÓRIA SEXUADA

O desejo de rememoração das lembranças consumou-se no exercício silencioso e minucioso de guardar. Ada conservou seu repositório de memórias junto a outros documentos pessoais que “recordavam a mocidade”, e Enio, por sua vez, zelou com cuidado a guarda de doze cartas que recebera à época (1946 a 1950), da moça. Hoje, conservados à ação do tempo, constituem, junto a um amplo conjunto de documentação pública e particular, o Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), em Caxias do Sul.

Se as circunstâncias de elaboração das memórias de Ada, quando mãe e esposa, não foram as mesmas daquelas do tempo de namoro ou noivado, as condições e as motivações do deslocamento dos egodocumentos para o arquivo histórico tampouco foram do mesmo modo. As escritas de si de 1965 a 1972 foram doadas pela família ao AHMJSA em 2016, enquanto os outros egodocumentos foram sucessivos e em distintos momentos (1997 a 1998, 2007 e 2013), o que evidencia a face dinâmica da acumulação documental.

O contexto de produção e o conteúdo das memórias de Ada, ao questionarem a eficácia da representação do casamento com o benéfico final feliz e do amor romântico, apontam para os motivos do deslocamento tardio para uma instituição pública. Arquivar a vida é imortalizar uma época e produzir representações e marcas de si mesma. Os objetos autobiográficos que compõem um arquivo pessoal engendram uma proposta de leitura associada as imagens a serem preservadas. À constituição da memória material há a intenção de perpetuar-se, de “forjar uma glória” (RIBEIRO, 1998, p.35).

Portanto, a memória, como um produto da história, é sexuada, pois está submetida as construções históricas femininas e masculinas (PERROT, 1989). O cotidiano da vida conjugal de Ada, materializado pelas memórias, abrangeu o íntimo, o privado e o público, assim como, pelas “ninharias que o compõem”, o “político, o cultural, a cor e as vicissitudes de uma época” (CUNHA, 2007, p.48). A trajetória de Ada, através das representações de si mesma contidas nos seus egodocumentos, soma-se às experiências históricas das mulheres que se anularam diante da crença da felicidade conjugal. No entanto, a prática da escrita foi seu espaço de liberdade criado.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002a.

CUNHA, Maria Teresa Santos, BASTOS Maria Helena Camara e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Ed. Mulheres, Florianópolis, 2000.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

LAGARDE Y DE LOS RIOS Marcela. **Claves feministas para la negociación en el amor**. Managua, Puntos de Encuentro, 2001.

_____. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. Madrid: Horas y Horas, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi.. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

TELLES, Lygia Fagundes. **A disciplina do amor**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

SWAIN, Tania Navarro. Entre a Vida e a Morte, o Sexo. In STEVENS, Cristina M.T. e SWAIN, Tania Navarro (Orgs.). **A construção dos Corpos: Perspectivas Feministas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008, p. 285-302.

_____. “A doce canção de Caetana”: meu olhar. In: LÔBO, Y.; FARIA, L. (org.) **Vozes femininas do Império e da República**. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, 2008, p. 203-232.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 09-32, 1998.

CASTILO GÓMEZ, António. **Un archipiélago desconocido. Archivos y escrituras de la gente común**. Boletín ACAL (Asociación de Archiveros de Castilla y León. Nº 38/2000.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São. Paulo, v.5, n.11, 1991. p.173-190.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Revistas Patrimônio e Memória**, Assis/SP, v. 3, n. 1, p. 53-70, 2007.



LOPES, Rodrigo. O jubileu de prata de Enio Arioli em 1968. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul, 7 de maio de 2016a.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, v.9, n.18, p.9-18, 1989.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si ou... **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 35- 42, 1998.

GRASSI, Pâmela Cervelin. **Quando nos despedimos, já estava com saudades dele**?: Amor Romântico e Casamento nos recônditos femininos (1946-1972). Florianópolis, 2016. 221 páginas. Dissertação. Universidade do Estado de Santa Catarina.